

As formas literárias em *O Capital*: contribuição à educação dos trabalhadores pela crítica da Economia Política

Cristiano Almeida da Silva¹

Juliane Zacharias Bueno²

Hormindo Pereira de Souza Junior³

Resumo: Realizaremos uma análise das formas literárias contida no desenvolvimento de algumas das principais categorias presentes no primeiro capítulo do livro I de *O Capital* de Marx. Tal análise tem por objetivo levantar uma questão pouco estudada e debatida na obra de Marx: suas formas literárias e o papel que ela cumpre na elaboração teórica do autor. Buscaremos demonstrar que, no trajeto de exposição desse capítulo, a forma literária cumpre papel decisivo para a compreensão teórica do livro. Sabendo que Marx parte da consciência ordinária dos agentes econômicos, isto é, da aparência mais simples da realidade para chegar ao seu conteúdo essencial, fazendo o caminho do concreto aparente ao abstrato, e deste ao concreto pensado, as formas literárias conectam a consciência ordinária com o processo de compreensão das categorias complexas da crítica de Marx à sociedade em que domina o modo de produção capitalista, tais como: riqueza, trabalho, valor de uso, valor de troca, valor e mercadoria. Levanta-se, por fim, se esses elementos literários, cuja forma acabada vê-se no Livro 1 de *O Capital*, cumpriram um caráter didático imprescindível ao intuito desta obra de servir como instrumento a favor do processo de educação dos trabalhadores com base na crítica da Economia Política.

Palavras chaves: Karl Marx; crítica da Economia Política; forma de exposição; formas literárias.

O livro I de *O Capital - Crítica da Economia Política* é, ainda hoje, um dos livros mais estudados da vultosa obra que Marx deixou como legado. No âmbito da vida do autor é a obra que ele dedicou maior tempo de estudo e redação. Antes chamada de "A Economia"⁴, a obra teve início a partir dos primeiros estudos que realizou acerca dos economistas políticos no começo dos anos de 1840, passando pela publicação do *Contribuição à Crítica da Economia Política* de 1859, que já trouxe a primeira versão do que comporia a primeira seção de *O Capital*, até a publicação do livro I em 1867. Este primeiro livro versa sobre "O processo de produção do capital". Os outros dois livros que versariam sobre "O processo de circulação do capital" (1885) e "O processo global da produção capitalista" (1894), não chegaram a ser publicados em

1 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.

2 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

3 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.

4 ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Contraponto/UERJ, 2001. p.22.

vida. Somente depois da morte do autor em 1883 é que Engels iria tratar os manuscritos e publicar os livros II e III. Há ainda uma parte final, que diz respeito à história do pensamento da Economia Política, que será trabalhado por Karl Kautsky e publicado somente em 1905. Por esses fatores, o Livro I de *O Capital* é considerado, por muitos autores, como o único elaborado e finalizado por Marx. Sem querer dar cabo à polêmica, o que nos interessa aqui é que o livro I foi preparado cuidadosamente, não só no que concerne ao conteúdo, mas também à sua exposição.

O debate sobre a forma de exposição categorial na obra de Marx é extenso e remonta às interpretações de Engels e dos teóricos da Primeira Internacional, sobre o tema. E mais recentemente, tem sido abordado por teóricos como: Chistopher, Cleaver, Müller, Benoit, Antunes, Grespan, Reichelt, Zeleny, Machado, Rosdolsky, Fulda⁵, dentre outros. Entretanto, ainda que se tratem de questões de extrema relevância, não é sobre o ordenamento categorial, ou tampouco, sobre a determinação – se lógica, teórica ou histórica – da exposição em *O Capital* que pretendemos tratar, mas sim a problemática referente à forma com que Marx opta em revelar seu ordenamento categorial, em outras palavras, como ele explicita o significado das categorias, a metodologia que ele adota para explicar ao leitor as categorias presentes nesta obra. Esses momentos do desvelar – de cada determinação categorial – ao leitor, chamamos de *formas literárias* em Marx, que encontra no livro I de *O Capital* a expressão mais completa de sua arquitetônica. Devido aos limites formais do presente artigo e, principalmente, considerando a complexidade dos conceitos que compõem o conjunto desta obra, focaremos nossas considerações sobre algumas das categorias fundamentais explicitadas no primeiro capítulo d' *O Capital*.

⁵ ARTHUR, J. Chistopher. *A nova dialética e o capital de Marx*. São Paulo: Edipro, 2016. CLEAVER, Harry - *Leitura Política de O Capital*. Ano 1981. Zahar Editora. S.A. MÜLLER, Marcos Lutz. *Exposição e método dialético em "O Capital"*. *Boletim Seaf*, Belo Horizonte, v. 2, p. 17-41, 1982. BENOIT, Hector. *Sobre a crítica (dialética) de o capital*. In: BENOIT. *Crítica marxista*, São Paulo/ v,3 p. 14-44, 1996. ANTUNES, Jadir. *Da possibilidade à realidade: o desenvolvimento dialético das crises em O capital de Marx*. 2005. Tese (Doutorado) defendida na Unicamp, Campinas, 2005. GRESPAN, Jorge. *O negativo do capital*. São Paulo: Hucitec, 1999. REICHEL, Helmut. *Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. ZELENY, Jindrich. *La estructura lógica de "El capital" de Marx*. México: Grijalbo, 1974. MACHADO, Gustavo. *O papel da história no modo de exposição de O capital de Marx*. Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 238-269, abr./2018. ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Eduerj/Contraponto, 2001. HANS FRIEDRICH FULDA. *Tese para a dialética como método de exposição (no "Capital" de Marx)*. *Crítica Marxista* n 45, ano 2017. UNICAMP.SP.

Compreendemos por categorias a reprodução ideal das múltiplas determinações de uma singularidade do ser social. Assim, não temos em Marx a definição de conceitos positivos. À medida que o processo de exposição se dá, o autor processualmente, assim como na vida, incorpora novas determinações às categorias, que estão em contínuo movimento, de superações e rupturas. “No curso das categorias econômicas é preciso ter presente que o sujeito, aqui a moderna sociedade burguesa, é dado tanto na realidade como na cabeça, e que, por conseguinte, as categorias expressam formas de ser (...)”⁶. A exemplo disso, a mercadoria, antes de se fixar como coisa pensada, já tinha existência e provocava suas determinações na vida humana. O conjunto de categorias que levantaremos a seguir, portanto, só se fazem compreensíveis no seu desenvolver histórico ou no corpo teórico que desvela esse desenvolvimento.

Para demonstrarmos o papel que cumprem as formas literárias nesse processo de exposição teremos que distinguir, para fins de observação, o conteúdo apresentado, da forma pela qual Marx o desenvolve. Caminhemos nesse momento pelos principais elementos teóricos e depois seguiremos para a apresentação de uma das formas literárias utilizadas nesse desenvolvimento.

Ao conjunto dos bens, sejam eles meios de produção ou meios de subsistência, necessários à produção e reprodução da vida, cultural e material, em uma dada sociedade, dá-se o nome de riqueza. A quantidade e o desenvolvimento dos bens que compõem a riqueza social, podem variar, mas não há sociedade que viva sem ter um conjunto de coisas úteis que satisfaçam suas necessidades. A produção dessas riquezas custa à humanidade uma quantidade maior ou menor de trabalhos úteis, qualquer que seja a forma social que o trabalho assuma. A relação social que interconecta produção e consumo, no capitalismo, é a forma mercantil, ou seja, a circulação de mercadorias.

A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual, por sua vez, aparece como sua forma elementar.⁷

Não por acaso, essa primeira frase de *O capital* nos remete ao geral e ao específico na sociedade capitalista, tal como Marx aponta em carta a Engels em 1859,

6 MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. p.59.

7 MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.113

acerca de seu livro publicado naquele ano, denotando que “o caráter *especificamente* social, de modo algum *absoluto*, da produção burguesa é analisado aqui a partir de sua forma mais simples: a mercadoria”⁸.

A manifestação mais trivial da circulação de mercadorias é a troca e essa deve se dar por meio de uma relação de igualdade entre coisas necessariamente diferentes, pois, coisas de mesmo valor de uso não se trocam. Marx então, identifica a substância social criadora daquilo que possibilita a elas se trocarem: o caráter abstrato do trabalho que a humanidade dispende em média para a produção de uma mercadoria. O trabalho abstrato socialmente necessário, que é medido em tempo, ou seja, tem como sua grandeza o tempo de trabalho exercido, é, portanto, o conteúdo do valor e suas determinidades qualitativa e quantitativa. E são tais determinidades do valor que permitem a equiparação entre mercadorias de valores de uso distintos. A grandeza do valor de uma dada mercadoria, ou seja, o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário à produção desta, permite a sua troca por outra mercadoria.

O caráter dúplice que o trabalho assume na produção de mercadorias é o centro contraditório em torno do qual se desenvolverá toda a crítica da Economia Política, pois é a base elementar sobre a qual se erguem as contradições gerais do modo capitalista de produção. Quanto maior for a produtividade do trabalho concreto, menor a quantidade de trabalho abstrato contido em cada mercadoria, pois, o tempo socialmente necessário à sua produção é menor⁹.

É a partir da dualidade do trabalho, categorias mais simples, que Marx elevar-se-á à totalidade da crítica à sociabilidade do capital, ou às categorias mais complexas. O elevar-se do abstrato ao concreto, aludido no *Método da Economia Política* de 1859¹⁰, é o percurso da obra *O Capital*. Por ser o elemento central da compreensão da Economia Política, e portanto, de sua crítica, Marx elucidará que “(...) essa natureza dupla do trabalho contido na mercadoria foi criticamente demonstrada pela primeira vez”¹¹ por ele em 1859 na *Contribuição à crítica da Economia Política*.

8 MARX, K. e ENGELS, F. Cartas sobre o capital. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p.144. Grifos do autor.

9 MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.123.

10 MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. p.54-61.

11 MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.119.

O primeiro movimento desse elevar-se do abstrato ao concreto pensado são as determinações da forma do valor, ou a análise do valor de troca. E da mesma forma que demarcou a contradição dúplce do trabalho, o faz com essa nova categoria. A análise apresentada por Marx no capítulo primeiro segue para a forma pela qual a dualidade do trabalho se expressa, se manifesta nos valores de troca. A análise das formas do valor desvela como se ergue a base fundamental da ideologia capitalista, a naturalização das trocas, decorrente da sociabilidade mercantil capitalista. A análise da forma dinheiro do valor, por sua vez, prossegue desde sua gênese e desenvolvimento, no primeiro capítulo, até as diversas funções que ela cumpre na sociedade capitalista, no terceiro capítulo. É somente a partir da segunda seção que Marx, então, realiza a exposição sobre como se dá a transformação do dinheiro em capital. De forma resumida, e para o que se propõe neste artigo, esse é, em linhas gerais e introdutórias, o conteúdo do capítulo primeiro do livro I.

Esse texto foi escrito várias vezes por Marx. A forma final em *O Capital*, em termos conceituais, é muito similar à publicação de 1859. No prefácio à primeira edição o autor diz ter modificado o primeiro texto não só por “coerência e completude”; segundo Marx, “a exposição foi aprimorada”¹². Ainda aponta:

Todo começo é difícil, e isso vale para toda ciência. Por isso, a compreensão do primeiro capítulo, em especial da parte que contém a análise da mercadoria, apresentará a dificuldade maior. No que se refere mais concretamente à análise da substância e da grandeza do valor, procurei popularizá-las o máximo possível.¹³

Depreendemos dessa passagem que Marx dedicou-se para que o fundamento de sua teoria do valor, a natureza dúplce do trabalho quando este produz mercadorias, fosse “popularizada” o máximo possível. E para isso “(...) além da sua ossatura conceitual, [seu corpus teórico] possui uma musculatura expressiva – o tecido teórico foi urdido com fios literários concretos. O sistema científico está sustentado por um sistema expressivo”¹⁴.

No entanto, muito pouco foi escrito sobre esse aspecto de sua obra. Sobre as referências literárias em *O Capital*, temos os escritos de Wilson, Wheen, Silva, Silva, Praver, Melo, Mehring, Venâncio, Lopes, Hyman e Gandesha¹⁵ dentre outros que irão

12 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.77.

13 Ibidem, p.77.

14 SILVA, Ludovico. *O estilo literário de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.11.

15 WILSON, Edmundo. *Rumo à estação Finlândia: escritores e atores da história*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. WHEEN, Francis. *O Capital de Marx: uma*

focar mais nas acepções estéticas em Marx. Entretanto nenhuma delas responde satisfatoriamente sobre o que motivou Marx a se dedicar tanto a esse aspecto da redação de *O Capital*. Em carta a Engels, ao relatar suas dificuldades na redação da obra, dizia que “(...) quaisquer defeitos que possam ter, essa é a vantagem de meus escritos, que constituem um todo artístico”¹⁶. Um dos critérios desse todo artístico é a intenção de Marx de armar sua classe de sua crítica.

Poder-se-ia, para dar relevo aos aspectos literários do primeiro capítulo, localizar as citações explícitas de autores como Goethe, Homero, Voltaire e Shakespeare, ou mesmo discorrer sobre as alegorias, metáforas, comentários cômicos ou o jeito prosopopéico com que expõe sua teoria do fetichismo. Nesse sentido, vemos também em Silva¹⁷, como essa forma de apresentar a teoria contribui para sua assimilação quando diz que “(...) nada contribui mais para a compreensão de uma teoria que uma metáfora adequada ou uma analogia que a calce”¹⁸.

Quando nos referimos a aspectos ou formas literárias em Marx não pretendemos focar nas diversas conexões que ele faz da vida com as suas expressões na literatura. Há uma passagem no primeiro capítulo que se conecta ao que, nós educadores chamamos de caráter pedagógico, ou mesmo didático, mas não utilizando diretamente tais referências. Os parágrafos seguintes à categorização do valor de uso, e antes da apresentação da categoria valor, ilustram, não só sua forma de exposição, mas também apresentam recursos textuais que Marx usa para conduzir o estudioso de sua obra às necessárias abstrações que permitem a compreensão da substância do valor oculta no ato da troca.

biografia. Tradução de Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. SILVA, Ludovico. O estilo literário de Marx. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2012. SILVA, Francisco de Assis. Marx: literatura e crítica da Economia Política em “O Capital”. Salvador, 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. PRAWER, S. S. Karl Marx and world literature. Verso: London/ New York, 2011. MELO, Luciana. Elementos literários na arquitetura narrativa de Marx. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. MEHRING, Franz. Marx e a alegoria. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Sobre literatura e arte. Tradução de Albano Lima. Lisboa: Estampa, 1974b. p. 245-247. VENÂNCIO, Rafael. O Ironia e o jornalismo de Karl Marx e Friedrich Engels. *Rhêtorikê*, Covilhã, n. 2, p. 1-15, abr. 2009. LOPES, Ricardo Ribeiro Casimiro. Marx poético: linguagem figurada na argumentação marxiana n’O Capital. Rio de Janeiro, 2005. (e-book). HYMAN, Stanley Edgard. The tangled bank: Darwin, Marx, Frazer and Freud as imaginative writers. Nova York: Atheneum, 1962. HYMAN, Stanley Edgar. Capital as a literature. *The Kenyon Review*, v. 23, n. 4, p. 590-610, 1961. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4334171>. Acesso em: 10 ago. 2018. GANDESHA, Samir; HARTLE, Johan F. (org.). *Aesthetic Marx*. London: Bloombury Academic, 2017.

16 MARX, K. e ENGELS, F. Cartas sobre o capital. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p.186.

17 SILVA, Ludovico. O estilo literário de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

18 *Ibidem*, p.11.

Para demonstrar que o valor de troca é apenas uma forma de manifestação do valor e que este último tem por substância o trabalho humano abstrato, Marx utiliza de uma analogia que visa ilustrar ao leitor um procedimento essencial para a compreensão de sua teoria social: a abstração. Vejamos o exemplo:

Um simples exemplo geométrico ilustra isso. Para determinar e comparar as áreas de todas as figuras retilíneas, é preciso decompô-las em triângulos. O próprio triângulo é reduzido a uma expressão totalmente distinta de sua figura visível – a metade do produto de sua base pela sua altura.¹⁹

O procedimento é simples: as áreas são decompostas em triângulos e estes últimos são reduzidos à sua dimensão abstrata, a fórmula de cálculo de suas áreas; assim podemos comparar qualquer figura retilínea. Lembremos que, após serem reduzidos ao seu elemento abstrato, não importa se os triângulos têm tipos ou dimensões diferentes. Ao encontrar na Geometria uma analogia, Marx elucida que, na busca por algo que equipare duas mercadorias distintas (na analogia, as figuras retilíneas), é preciso decompô-las até encontrar o trabalho: "(...) resta nelas uma única propriedade: a de serem produtos do trabalho"²⁰. No entanto, ainda assim, enquanto elemento constitutivo das mercadorias, constituem-se como trabalhos distintos (assim como os triângulos contidos nas figuras). Temos, então, que reduzir os trabalhos à sua natureza abstrata, como simples dispêndio de trabalho humano (assim como a fórmula de cálculo da área dos triângulos):

Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato²¹.

A necessidade de fazer esse processo de abstração provém da própria natureza do trabalho produtor de mercadorias. A análise de Jappe²² contribui para o esclarecimento dessa determinação:

(...) primeiramente é preciso se dar conta de que o trabalho abstrato não é uma abstração nominal, nem uma convenção que nasce (ainda que inconscientemente) na troca: ele é a redução efetiva de toda atividade a um simples dispêndio de energia. Tal redução é "efetiva" na medida em que as atividades particulares – assim como os indivíduos que as realizam – só se tornam sociais enquanto reduzidas a essa abstração.

19 MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.115.

20 Ibidem, p.116.

21 Ibidem, p.116.

22 JAPPE, Anselm. Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria. Tradução de Sílvio Rosa Filho. Revisão de Jacira Freitas. **Limiar**. Vol.1, n. 2. 1º semestre 2014. Disponível em: <<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2014/06/jappe-alienac3a7c3a30-eificac3a7c3a30-e-fetichismo.pdf>>. Acesso em 17 de março de 2019. p. 12.

Marx, no prefácio de 1867 de *O Capital*, ao tratar das dificuldades inerentes ao início dos estudos de qualquer ciência, sinaliza a importância desse elemento de seu método, que na passagem analisada traz o leitor à sua compreensão, pois “(...) na análise das formas econômicas não podemos nos servir de microscópio nem de reagentes químicos. A força da abstração [Abstraktionskraft] deve substituir-se a ambos.”²³

Assim, o processo de abstração, que se desenvolve no próprio real, exige ao percurso de sua apropriação intelectual torná-lo recurso de análise. Este procedimento se converterá, com as devidas mediações, em meio de sua construção textual e suas formas literárias, e utilizando como forma de exposição das categorias presentes em sua obra e como elemento didático que viabiliza ao leitor a sua compreensão. Tal como ele esclarece em seu posfácio de 1873, Marx, durante o processo investigativo executa diversos processos de abstração, em variados fenômenos porque “(...) tem de se apropriar da matéria em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo interno”²⁴. Entretanto, durante a sua exposição isso não irá se repetir por completo. Há na exposição que se repetir o processo de abstração daquele fenômeno que possibilita a compreensão do objeto, no caso, a mercadoria. Como vimos, tem-se ainda na obra uma forma literária que auxilia o leitor a acompanhar essa abstração, inclusive pelo exercício com outra disciplina, a Geometria. Na própria construção discursiva das frases e escolha de determinadas expressões podemos nos aperceber da presença dessa iniciativa por parte de Marx, até mesmo desde a primeira frase da obra, na qual já se nota tal diferenciação que ele realiza entre a aparência e a essência do fenômeno. Na análise do valor de troca, ele utiliza mais uma vez, essa forma textual.

O valor de troca aparece inicialmente como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo, uma relação que se altera constantemente no tempo e no espaço. Ele parece assim, ser algo acidental e puramente relativo e, ao mesmo tempo, um valor de troca intrínseco, imanente à mercadoria (*valeur intrinsèque*); logo, uma *contradictio in adjecto* [contradição nos próprios termos]. Vejamos a coisa mais de perto.²⁵

A expressão “aparece” [erscheint] em Marx sinaliza que no fenômeno observado estão ocultas outras relações. Na passagem acima, a forma de aparição

23 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.78.

²⁴ Ibidem, P.90.

25 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p.114.

do valor de troca, além de ocultar sua substância, enuvia a possibilidade de compreender tal fenômeno de maneira causal, sem conferir a uma *mão invisível*, ou qualquer outro elemento fortuito, as mudanças quantitativas do valor de troca. A saída desse patamar de abstração é apontada por Marx na expressão: “vejamos a coisa mais de perto”²⁶, como que regulando seu “microscópio”. Ao abstrair a “perturbação” do tempo e do espaço à compreensão do valor de troca, ele chega, como já aludido na expressão “aparece”, à conclusão de que o valor de troca só pode ser o “(...) modo de expressão, a forma de manifestação [Erscheinungsform] de um conteúdo que dele pode ser distinguido”²⁷. Por meio dessa forma literária, o leitor “(...) em vez de ver-se obrigado a digerir pensamentos enrijecidos, sente-se incitado a pensar, a repensar, a recriar o próprio processo das descobertas teóricas”²⁸.

Em suma, em toda a trajetória textual analisada aqui está incorporada ao modo de exposição característico de Marx uma forma literária que cumpre uma função didática indispensável à compreensão tanto do conteúdo das categorias como da forma pela qual o pensamento chega a esses conteúdos por meio das sucessivas abstrações. Assim o texto é minuciosamente esculpido, lapidado, tanto com o intuito de demonstrar rigorosamente o conjunto categorial que deslinda o seu objeto, o capital, como também, igualmente, tornar todo esse conteúdo, em uma obra acessível, compreensiva à classe trabalhadora. Em diversas outras passagens de *O Capital* outras formas literárias são utilizadas com essa finalidade. A investigação desses componentes literários na obra marxiana é indispensável ao desenvolvimento de formas de educação dos trabalhadores que almejem, assim como na obra, contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos trabalhadores no percurso do aprendizado dos elementos da crítica da Economia Política, não assimilando-os de forma enrijecida estagnada.

26 Ibidem, p.114.

27 Ibidem, p.115.

28 SILVA, Ludovico. O estilo literário de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.11 e 12.